



MARC FERREZ  
Biblioteca Nacional (RJ) - Acervo Biblioteca Nacional

# DOIS BARRETOS E UM RIO DE JANEIRO

MARIA SALETE MAGNONI\*

**RESUMO** O texto discute como os escritores/jornalistas Lima Barreto e João do Rio registraram o processo de reurbanização e modernização da cidade do Rio de Janeiro, ocorridos na primeira década do século XX. Antípodas do ponto de vista do lugar social e literário, foram agudos observadores da cidade e suas contradições nesse momento histórico. Essas observações trabalhadas literariamente são convergentes? Ou são tão díspares quanto suas trajetórias? Quanto ao trabalho no jornal e à importância dele nessa sociedade, qual é a posição de cada um? Ambos foram favoráveis às inovações tecnológicas que estavam sendo introduzidas no Rio de Janeiro da *Belle Époque*? São algumas das questões abordadas.

**PALAVRAS-CHAVE** Lima Barreto. João do Rio. Rio de Janeiro.

## TWO BARRETOS AND ONE RIO DE JANEIRO

**ABSTRACT** This work discusses how the writers/journalists Lima Barreto and João do Rio recorded the process of reurbanization and modernization of the city of Rio de Janeiro, which occurred in the first decade of the XX century. Antipodes in their social and literary status, they were acute observers of the city and its contradictions in this historic moment. Are these observations convergent when literarily approached? Or are they as disparate as their trajectories? As for the work in the newspaper and its importance in this society, how does each place himself? Were both favorable to the technological innovations that were being introduced to the Rio de Janeiro of the *Belle Époque*? These are some of the questions addressed in this work.

**KEYWORDS** Lima Barreto. João do Rio. Rio de Janeiro.

\*Doutora em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo – USP. Pós-doutoranda em Teoria e História Literária no Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP (Brasil).

E-mail: <salmagnoni@gmail.com>.

“Saturei-me daquela melancolia tangível, que é o sentimento primordial da minha cidade. Vivo nela e ela vive em mim!” (BARRETO, 1956, p. 40). A fala de Augusto Machado, narrador/personagem do romance *Vida e morte de M.J. Gonzaga de Sá*, traduz a simbiose existente entre o cidadão e escritor Afonso Henriques de Lima Barreto e a cidade do Rio de Janeiro. Nos quarenta e um anos vividos, Lima Barreto saiu do Rio de Janeiro apenas três vezes, a cidade fez-se então o seu mundo e será a personagem principal de sua obra.

Não menos visceral foi a relação de João Paulo Alberto Coelho Barreto, que aos 22 anos se tornou o João do Rio, ao assinar com essa alcunha a reportagem “O Brasil lê”, publicada no jornal *Gazeta de Notícias* em novembro de 1903. Quando de sua morte, em 21 de junho de 1921, o jornalista e também escritor Ribeiro Couto assim escreveu no jornal *Correio Paulistano*:

O Rio de Janeiro vive na obra de Paulo Barreto. A cidade foi variando de alma e de fisionomia, mas o escritor acompanhou-a, todos os instantes. Sua obra é reflexo da vida carioca de vinte anos de civilização em marcha. Nos seus livros está essa vida vertiginosa, com suas vaidades, as suas virtudes, os seus vícios, a sua loucura, o seu lirismo, os seus ridículos, os seus tédios, os seus entusiasmos, a sua dor, a sua beleza. (MAGALHÃES, 1978, p. 384)

Antípodas do ponto de vista do lugar social e literário, Lima Barreto e João do Rio de alguma forma se completam para além do sobrenome, cor de pele e curta existência. O primeiro, premido pela necessidade de buscar o seu sustento e o de sua família, deixou a Escola Politécnica e o curso de engenharia para tornar-se funcionário público. Mas, além de dedicar-se totalmente à literatura – “Eu quero ser escritor, porque quero e estou disposto a tomar na vida o lugar que colimei. Queimei meus navios; deixei tudo, tudo, por essas coisas de letras” (BARRETO, 1961a, p. 294) –, também exerceu o jornalismo. Lima Barreto trabalhou, ora como colaborador fixo, ora como *free-lancer*, em jornais e revistas de notável importância política e literária, tais como *Careta*, *Rio Jornal*, *O País*, *A Notícia* e *Gazeta de Notícias*. Decorre disso o fato de Lima Barreto ter feito (entre abril e junho de 1905) para o *Correio da Manhã*

uma série de reportagens sobre as escavações do Morro do Castelo, e certamente foi essa experiência, entre outras questões, que o levou a representar literariamente o *Correio da Manhã* em *Recordações do escrivão Isaías Caminha*, seu romance de estreia, no qual, entre outros, João do Rio, segundo aqueles que defenderam a tese de que o *Isaías Caminha* seria um *roman à clef*, é impiedosamente retratado na figura do personagem/jornalista Raul Gusmão.

João do Rio começou sua atividade jornalística antes mesmo de completar 18 anos publicando em 1º de junho de 1899, no jornal *A Tribuna*, o texto “Lucília Simões”, crítica sobre a peça *Casa de bonecas*, do dramaturgo norueguês Ibsen. Tentou entrar para a diplomacia, em uma época em que o Barão do Rio Branco, ministro das Relações Exteriores do Governo Rodrigues Alves, recrutava para o Itamaraty rapazes inteligentes, cultos e bem apossados e que ainda tinham de possuir mais dois requisitos indispensáveis: terem namoradas ou serem conquistadores. João do Rio, porém, foi rejeitado “diplomaticamente”,<sup>1</sup> pelo Barão, pois, se era inteligente e sabia francês, condição essencial, não preenchia os demais requisitos: era mulato, gordo e homossexual. A partir daí, abraça definitivamente a carreira jornalística, tornando-se, graças a muito empenho, o primeiro grande repórter brasileiro do início do século XX.

1. Rio Branco alegou que todas as vagas estavam preenchidas.

Embora Lima Barreto e João do Rio tenham exercido o jornalismo e sido cronistas por excelência, divergem na compreensão e opinião sobre este, mas comungam o ponto de vista da importância da escrita jornalística e mesmo da pesquisa documental para a elaboração ficcional, ou seja, produziram textos literários nos quais é patente o consórcio entre a matéria narrada e a realidade circundante. No tocante a João do Rio, é ilustrativa a notação do crítico Brito Broca em *A Vida literária no Brasil-1900*:

A produção de Paulo Barreto na imprensa nas duas primeiras décadas do século foi simplesmente assombrosa. Basta dizer que os quinze ou vinte volumes que deixou não absorveram senão uma pequena parte de centenas de crônicas, reportagens, contos, artigos do mais diferentes gêneros, muitos firmados com outros pseudônimos. É difícil distinguir nessas páginas escritas quase ao correr da pena, ao trepidar dos linotipos e às fumaçadas de um cigarro, onde termina o jornalismo e começa a literatura. João do Rio conseguia realizar, frequentemente, um acordo entre as duas formas de atividade intelectual. (BROCA, 1960, p. 249)

Resulta dessa aguda consciência do contexto histórico no qual estava inserido, de saber-se artista e jornalista que produz para o mercado, a série de entrevistas publicadas por João do Rio em 1905 sob o título de *O momento literário*. Aos 40 intelectuais e escritores entrevistados, entre eles Silvio Romero, Olavo Bilac, Coelho Neto e Medeiros de Albuquerque, foi feita a pergunta: “O jornalismo, especialmente no Brasil, é um fator bom ou mau para a arte literária?”.

Quanto a Lima Barreto, é de sua própria lavra a explicação de que não aceita limites rígidos que enquadrem sua produção nesse ou naquele gênero. No artigo de 1916 intitulado “*Amplius*” publicado no jornal *A Época* e posteriormente transformado em prefácio da coletânea de contos *Histórias e sonhos*, por ele organizada em 1920, o escritor faz uma explanação da sua concepção de literatura. Em um dos pontos altos do texto, responde a uma carta anônima recebida de um possível leitor tecendo críticas ao romance *Triste fim de Policarpo Quaresma*, publicado em livro em 1915. Entre os defeitos elencados estaria o de que Lima Barreto empregava processos do jornalismo nos seus romances, principalmente em *Recordações do escrivão Isaías Caminha*. Ao que o escritor respondeu:

Poderia responder-lhe que, em geral, os chamados processos do jornalismo vieram do romance; mas mesmo que, nos meus, se dê o contrário, não lhes vejo mal algum, desde que eles contribuam por menos que seja para comunicar o que observo; desde que possam concorrer para diminuir os motivos de desinteligência entre os homens que me cercam. Se conseguirem isso, por pouco que seja, dou-me por satisfeito, pois todos os meios são bons quando o fim é alto... (BARRETO, 1961b, p. 34)

Importante observar que Lima Barreto deixa claro que a sua literatura está sim “contaminada” por sua produção jornalística, composta de crônicas e artigos. Para ele não interessa como se chama o que escreve, pois sua prioridade é comunicar o que observa. Em termos contemporâneos, a sua produção textual é, antes de tudo, uma mídia para expor sua visão de mundo e, especialmente, a sua criticidade para tentar diminuir a “desinteligência” que o cerca. Essa postura de Lima Barreto é decisiva para o seu projeto literário, pois introduz recursos que apontam para o

Lima Barreto  
deixa claro que a  
sua literatura está  
sim ‘contaminada’  
por sua produção  
jornalística,  
composta de  
crônicas e artigos

momento posterior, o Modernismo, em uma conjuntura na qual a crítica ainda não estava preparada para compreendê-los. Mais do que o cronista, será o romancista que pagará o preço por essa contaminação, pois será sobre ele que recairão as críticas.

E foi, sobretudo, por meio de crônicas publicadas na imprensa que Lima Barreto e João do Rio registraram o processo de reurbanização e modernização da cidade do Rio de Janeiro ocorrido na primeira década do século XX. O gênero é apropriado àquele momento de coexistência do moderno com o antigo, pois, além de oferecer uma possibilidade de profissionalização aos homens de letras, permite, dado o seu caráter imediato, a associação entre técnica e literatura que se dá “via representação explícita” com os elementos da modernidade tecnológica fazendo parte do repertório temático ou linguístico, como notou Flora Süssekind em *Cinematógrafo de letras*.

João do Rio percebe e traduz como nenhum outro escritor do período a metamorfose e a adaptação da *Belle Époque* brasileira, em nenhum outro é tão forte a conjugação entre as novidades trazidas pela modernização tecnológica, as transformações dos hábitos e costumes da cidade e o texto literário. *Cinematógrafo* é o nome que dá à coluna que passa a escrever na *Gazeta de Notícias* a partir de 1907. *A alma encantadora das ruas* será o título dado à reunião em livro de crônicas e reportagens publicadas na revista *Kosmos* e na *Gazeta de Notícias* que retratavam o Rio de Janeiro da época de Rodrigues Alves, mas que tratavam de aspectos que não interessavam ao projeto oficial de reformulação da cidade.

Uma diferença fundamental, do meu ponto de vista, entre esses dois cronistas da cidade do Rio de Janeiro consiste na compreensão da utilização do gênero crônica e da maneira mesma de fazê-la. Enquanto João do Rio, com suas crônicas, moderniza o jornalismo da época ao introduzir a figura do repórter que irá percorrer “os diferentes espaços da cidade em busca de novidades e ‘furos’ para seduzir o olhar burguês de seu leitor” (CURY, 1996, p. 50), Lima Barreto utiliza-se da crônica como um lugar peculiar de emissão de sua palavra, faz dela um espaço autoral. A motivação de suas crônicas geralmente é dada por fatos noticiados na própria imprensa ou por cenas observadas nas ruas. A partir destas referências, o autor desenvolve argumentações sobre a vida pública, sobre os governantes, o comportamento popular, ou o que mais possa ser motivo de reflexão. Nada é tratado em tom neutro, é o exercício da crônica crítica.

2. Na expressão de Maria Zilda Ferreira Cury.

Em que pese à diferença assinalada, os dois escritores, mesmo que por motivos diversos, aproximam-se ao perceberem a cidade outra que existia atrás do mote “O Rio civiliza-se”. Ambos descascam a seu modo a mão de tinta<sup>2</sup> dada pela modernização feita pelo alto e que autoritariamente marginalizava parcela significativa da população. É comum também a crítica à cópia, à imitação trazida pela modernização identificada com o cosmopolitismo que necessitava destruir o característico, o local, o típico, o que forma a identidade. Utilizando o pseudônimo de Joe, João do Rio escreve em sua coluna *Cinematógrafo* da *Gazeta de Notícias*:

O Rio, cidade nova – a única talvez no mundo – cheia de tradições, foi-se delas despojando com indiferença. De súbito, da noite para o dia, compreendeu-se que era preciso ser tal qual Buenos Aires, que é esforço despedaçante de ser Paris. Desse escombros surgiu a urbs conforme a civilização, como ao carioca bem carioca, surgia da cabeça aos pés o reflexo cinematográfico do homem das outras cidades. Foi como nas mágicas, quando há mutação para a apoteose. (RIO, 2009b, p. 154)

O mesmo assunto e com o mesmo tom pode ser visto na crônica “A volta”, publicada por Lima Barreto no *Correio da Noite*, em 16 de janeiro de 1915:

A obsessão de Buenos Aires sempre nos perturbou o julgamento das coisas. A grande cidade do Prata tem um milhão de habitantes; a capital argentina tem longas ruas retas; a capital argentina não tem pretos; portanto, meus senhores, o Rio de Janeiro, cortado de montanhas, deve ter largas ruas retas; o Rio de Janeiro, num país de três ou quatro grandes cidades, precisa ter um milhão; o Rio de Janeiro, capital de um país que recebeu durante quase três séculos milhões de pretos, não deve ter pretos. (...) O Rio civiliza-se. (BARRETO, 1961d, p. 83)

João do Rio dirá que havia muito de teatro, e Lima Barreto, de cenografia, nessa transformação do Rio de Janeiro, capital da República, em cartão postal do país. A alusão ao teatro remete ao falseamento da realidade, à ilusão, à miragem, uma vez que no novo cenário grandiloquente não há lugar para a população pobre

Os dois escritores, mesmo que por motivos diversos, aproximam-se ao perceberem a cidade outra que existia atrás do mote ‘O Rio civiliza-se’

considerada um empecilho à modernização, esta será alijada tanto das decisões políticas como dos benefícios advindos das mudanças sociais. O reverso do cartão postal será descortinado pelo olhar e pela palavra crítica dos dois Barretos, como podemos ver no fragmento da crônica “Leitura de jornais”, escrita por Lima em 1921, na qual ironicamente comenta o descaso da administração pública com os moradores dos morros:

Encontram-se extensos aldeamentos de casas construídas com folhas de latas de gasolina, ripas de caixas de batatas e caixões de automóveis. Por essas barracas, que seria impossível de qualificar de casebres, porque nelas nenhum homem rico abrigaria seu cão de estima, cobram-se de 30\$ a 50\$000 por mês e até mais. Convém notar que essas maravilhas nada custaram à prefeitura, e, nem ao menos, exigem-lhe o trabalho de cobrar-lhes impostos ou dízimos quaisquer. São puras criações de iniciativa particular que se mostra assim solícita para abrigar os pobres e dotar a cidade com essas curiosas construções, dignas de Hué ou São Paulo de Luanda. (BARRETO, 1961a, p. 105)

Por sua vez, João do Rio capta a miríade de pessoas que realizam toda sorte de atividades para conseguir algum dinheiro que garanta sua sobrevivência na urbe. São desamparados sociais de toda natureza, merdunchos, viradores, como classificaria o escritor João Antônio muitas décadas depois. Na crônica “Pequenas profissões”, diz:

O Rio pode conhecer muito bem a vida do burguês de Londres, as peças de Paris, a geografia da Manchúria e o patriotismo japonês. A apostar, porém, que não conhece nem a sua própria planta, nem a vida de toda essa sociedade, de todos esses meios estranhos e exóticos, de todas as profissões que constituem o progresso, a dor, a miséria da vasta Babel que se transforma. E entretanto, meu caro, quanto solução, quanta ambição, quanto horror e também quanta compensação na vida humilde que estamos a ver. (RIO, 1997, p. 97)

A cidade depositária do frenesi modernizador, na qual se abriam largas e iluminadas avenidas para fazer jus “A vida vertiginosa da era do automóvel”, carregava consigo numeroso contingente de invisíveis, de cujo trabalho dependia para ostentar o brilho exposto nas vitrines da Rua do Ouvidor e adjacências. João do Rio desnuda essa dependência ao comentar em crônica a greve dos operários da Companhia do Gás:



Esta greve do gás, que pôs em treva a cidade tantos dias, deixa-me apenas mais radicado um sentimento doloroso. E esse sentimento doloroso, nascido de longa observação, é tão banal que talvez toda a gente o tivesse, se observasse.

Quando pensou a cidade que havia, com efeito, por trás daquela sinistra fachada do Gás, homens a suar, a sofrer, a morrer para lhe dar a luz que é civilização e conforto? Quando esses homens, desesperados, largaram as pás, enxugaram o suor da fronte e não quiseram mais continuar a morrer, que ideia fazia a cidade – aquela elegante menina, este rapazola de passo inglês, o negociante grave, o conselheiro, o empregado público, os apaniguados da Sorte, daquele bando de homens, negros de lama do carvão e do suor, torcionados pelo Peso e pelo Fogo?

Nenhuma. Esses pobres diabos, homens como nós, com família, com filhos, com ideais talvez, não existiam propriamente; eram como o coque, como os aparelhos de destilação, como os fornos de uma quantidade componente do fato estabelecido neste princípio breve: ex fumo dare lucem. Mais nada. Só ao acender o bico de gás em vão é que surgiu a ideia do operário, do homem preso nas malhas de ferro de um sindicato poderoso, com a frase:

Os operários fizeram greve...

É a noção de uma classe de oprimidos, classe diminuta, classe anônima, com a sua vida inteira amarrada à polé do trabalho horrído, e que, de repente, só ao cruzar os braços, punha em sombra uma cidade inteira. Estes conhecimentos foram rápidos e rapidamente desaparecerão.

Amanhã, arrançadas definitivamente as coisas, o bando volta ao horror, ninguém ao passar pelo edificio lembrará tanta gente no trabalho desesperado, e o próprio bando estará resignado. Por quê? Porque é a vida, porque é preciso trabalhar, porque não há remédio...

João do Rio e Lima Barreto fizeram incidir, e no mesmo período, um olhar agudamente crítico sobre o nosso processo de modernização, com nuances e perspectivas diferentes, é certo, mas que se complementam

Nada mais simples. Nada mais insignificante. Prestemos atenção aos condutores de homens, e deixemos a morrer os fracos e humildes – mesmo porque eles seriam incapazes de sair da engrenagem, da máquina fabulosa de carne e de aço de que são utensílios!

E, entretanto, a nossa vida, o nosso conforto, tudo quanto é agradável, assenta na resignação, inconsciente quase, dos humildes e nessa tremenda fúria com que a sociedade os esmigalha, sem olhar ao menos a sua agonia final. (RIO, 2009c, p. 139-140)

Embora João do Rio, contrariamente a Lima Barreto, tenha se posicionado ao lado das elites de sua época, não há como lhe negar os momentos de forte percepção das injustiças sociais presentes em sua obra, especialmente no que tange à cidade do Rio de Janeiro então “representação babélica e monumental da ideologia republicana no auge de seu poder” (ANTELO, 1997, p. 9). Nesse sentido, afina-se com seu contemporâneo que também registrou em suas crônicas a cidade com seus infinitos e múltiplos problemas cotidianos, principalmente os oriundos das más gestões do Poder Público:

Li nos jornais que um grupo de senhoras da nossa melhor sociedade e gentis senhoritas inauguraram, com um chá dançante, a dez mil-réis a cabeça, o hotel do Senhor Carlos Sampaio, nas encostas do morro da Viúva.

Os resultados pecuniários de semelhante festança, segundo diziam os jornais, reverteriam em favor das crianças pobres, das quais as referidas senhoras e senhoritas, agremiadas sob o título de “Pequena cruzada”, se fizeram espontâneas protetoras. (...)

Quero dizer que semelhante festa, a dez mil-réis a cabeça, para proteger crianças pobres, é uma injúria e uma ofensa, feita a essas mesmas crianças, num edifício em que o governo da cidade gastou, segundo ele próprio confessa, oito mil contos de réis.

Pois é justo que a municipalidade do Rio de Janeiro gaste tão vultosa quantia para abrigar forasteiros ricos e deixe sem abrigo milhares de crianças pobres ao léu da vida?

O primeiro dever da municipalidade não era construir hotéis de luxo, nem hospedarias, nem zungas, nem quilombos, como pensa o Senhor Carlos Sampaio. O seu primeiro dever era dar assistência aos necessitados, toda a espécie de assistência. (BARRETO, 1961c, p. 33)

Lima Barreto e João do Rio foram *flâneurs*, para falar com Baudelaire, ou *passeadores*, na forma aportuguesada do termo, que, em percursos culturais e históricos pela cidade do Rio de Janeiro, puderam, dado o deslocamento constante, perceber a simultaneidade de

espaços e tempos, observar a experiência psíquica diante da modernidade, a arquitetura com as novas construções e os vestígios da memória, a moda, as inovações óticas e os sujeitos tendo a rua como palco. A cidade apresenta-se com histórias dotadas de peso, mas num campo permeável às novidades, o que torna fluidas as paisagens e os sujeitos.<sup>3</sup>

3. Carmem Lúcia Negreiros de Figueiredo (UERJ). Texto não publicado que integra um projeto em desenvolvimento e do qual faço parte, sobre o escritor Lima Barreto e sua relação com a cidade do Rio de Janeiro.

4. Na definição do próprio Lima Barreto.

Díspares na vida social e no comportamento, um, adandinado que usava a literatura para ter prestígios nas rodas elegantes, “radical de ocasião” como definiu Antonio Candido; o outro, boêmio, com “alma de bandido tímido”,<sup>4</sup> e que até o final da vida não arredou pé de um projeto estético e literário que promovesse a fraternidade entre os homens, João do Rio e Lima Barreto fizeram incidir, e no mesmo período, um olhar agudamente crítico sobre o nosso processo de modernização, com nuances e perspectivas diferentes, é certo, mas que se complementam quando se trata de falar da cidade do Rio de Janeiro, eterna vitrine do Brasil, ainda mais em tempos de Copa do Mundo e Olimpíadas.

## Referências

- ANTELO, R. Introdução. In: RIO, J. *A alma encantadora das ruas*. Organização de Raúl Antelo. São Paulo: Cia das Letras, 1997. (Coleção Retratos do Brasil).
- BARRETO, L. *Vida e morte de M.J. Gonzaga de Sá*. São Paulo: Brasiliense, 1956.
- BARRETO, L. *Feiras e mafuás*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1961a.
- BARRETO, L. *Histórias e sonhos*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1961b.
- BARRETO, L. *Marginália*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1961c.
- BARRETO, L. *Vida urbana*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1961d.
- BROCA, B. *A vida literária no Brasil-1900*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1960.
- CURY, M. Z. F. O avesso do cartão-postal: João do Rio perambula pela capital da República. *Literatura e Sociedade: Revista do Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada da FFLCH/USP*, São Paulo, n. 1, p. 45-53, 1996.

MAGALHÃES JR., R. *A vida vertiginosa de João do Rio*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

RIO, J. *A alma encantadora das ruas*. Organização de Raúl Antelo. São Paulo: Cia das Letras, 1997. (Coleção Retratos do Brasil).

RIO, J. *Cinematógrafo: crônicas cariocas*. Rio de Janeiro: ABL, 2009a. (Coleção Afrânio Peixoto; v. 87).

RIO, J. O velho mercado. In: *Cinematógrafo: crônicas cariocas*. Rio de Janeiro: ABL, 2009b. (Coleção Afrânio Peixoto; v. 87).

RIO, J. Os humildes. In: *Cinematógrafo: crônicas cariocas*. Rio de Janeiro: ABL, 2009c. (Coleção Afrânio Peixoto; v. 87).

SÜSSEKIND, F. *Cinematógrafo de letras: literatura, técnica e modernização no Brasil*. São Paulo: Cia das Letras, 1987.